

**A CASA CAI, DE MARCELO BACKES: CONSTRUÇÃO DE
IMAGENS DO RIO DE JANEIRO GENTRIFICADO**

Fabiana de Pinho (PUC-RIO)¹

Renato Cordeiro Gomes(PUC-RIO)²

RESUMO: Em 29 de novembro de 2014, o jornal *O Globo* publicou a matéria *Descaracterização do Rio é tema de novos romances*. Escritores como Marcelo Backes, falaram que suas narrativas tratam do Rio de Janeiro a partir dos efeitos da gentrificação nesta cidade. Considerando isso e os estudos sobre imaginários urbanos e representação das cidades na Literatura e os Estudos Culturais, o presente trabalho pretende indagar como o Rio de Janeiro, na perspectiva da gentrificação, fenômeno discutido vastamente por áreas como geografia, antropologia, sociologia, urbanismo e arquitetura – é representado no romance *A casa cai*, de Marcelo Backes. Dito de outro modo, objetiva-se investigar nesta narrativa o modo pelo qual este texto, que trata da especulação imobiliária suas causas e seus efeitos, constroi imagens da gentrificação e das relações entre os sujeitos e a cidade.

Palavras-chave: Literatura e Gentrificação, Representação do Rio de Janeiro, Imaginários Urbanos

¹ Doutoranda do Programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade na Puc-Rio.
Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro(IFRJ)

² Professor Doutor do Programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade na Puc-Rio.(Orientador)

Os operários trabalham dia e noite. O Museu de Arte do Rio de Janeiro e o Museu do amanhã já são uma realidade. O Parque de Madureira, o Parque Olímpico, o Complexo de Deodoro e o Porto Maravilha já fazem parte da cena carioca. BRT's, VLT's, BRS's são as novas siglas que acompanham os deslocamentos dos moradores. Um novo e olímpico Rio de Janeiro está nascendo e com ele o número de ônibus diminuiu, os preços dos imóveis aumentaram muito, a especulação imobiliária foi instaurada, as ruas estão mais engarrafadas, os tratores derrubam viadutos, prédios, comércios, e, a cada dia, pessoas são removidas de suas casas.

De acordo com o *Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro*, de junho de 2014, lançado pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro, até a data mencionada, 4.772 famílias foram removidas na cidade do Rio de Janeiro, totalizando cerca de 16.700 pessoas de 29 comunidades mapeadas. Destas, 3.507 famílias, 12.275 pessoas de 24 comunidades, foram retiradas de suas casas por obras e projetos ligados diretamente aos megaeventos esportivos. Outras 4.916 famílias de 16 comunidades estavam sob a ameaça de remoção.

Estas estratégias usadas para garantir o surgimento de um novo Rio³ inscreveu-o no mapa das cidades gentrificadas. A gentrificação é um processo que recompõe os espaços, substituindo as classes populares e/ou operárias pelas classes média e média-alta e as habitações em estado de degradação por outras construções mais novas que terão seus valores aumentados e poderão ser vendidas por valores inflacionados. As obras nas áreas centrais das cidades têm um papel fundamental nestas cidades, pois é com elas que as substituições sociais e a remodelação serão efetivadas.(Mendes, 2010). Deve-se atentar, assim, para o fato de que há uma variação em torno de um mesmo modelo: tomam-se referenciais culturais, o poder público e a iniciativa privada se unem, grandes projetos urbanos e arquitetônicos são construídos, pessoas são desapropriadas e as cidades passam a ser qualificadas para gerarem riquezas.(Arantes,2000) Deixam de ser espaços para as pessoas para

³ Denominação retirada do site <http://www.cidadeolimpica.com.br/>, criado pela Prefeitura do Rio.

se tornarem o próprio negócio. Barcelona, Berlim, Bilbao, Paris, Buenos Aires, Medellín e, atualmente, o Rio de Janeiro - cada uma com suas especificidades - passaram ou passam por este tipo de intervenção urbana. Sobre isto, cabe lembrar que o aniversário de 450 anos do Rio de Janeiro foi transformado pela Prefeitura na Marca Rio450 cujo uso é regulamentado pelo Decreto nº 38722 de 21 de maio de 2014.

De acordo com Maria Alba Sargatal Bataller, em seu artigo *O estudo da gentrificação*, publicado originalmente na Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales e, posteriormente, em 2012, na revista *Revista Continentes* (UFRRJ), além do deslocamento, outras conseqüências da gentrificação são percebidas no mercado de moradia: aumento significativo do preço da propriedade renovada e não renovada; redução das taxas de ocupação das moradias (o número de habitantes por residência) e da densidade da população; transformação progressiva da modalidade de ocupação por aluguéis pela ocupação por propriedade, possuída por grupos de rendas mais altas que vão transformando a estrutura econômica e física de tais áreas.

Ela assinala que somado ao enorme peso do setor privado – entidades financeiras, promotores de propriedade –, a maioria dos estudos aponta o papel importante e, por vezes, decisivo, do setor público, ou seja, dos governos estaduais, regionais ou locais, que facilitam ou promovem diretamente a gentrificação a fim de renovar os centros das cidades.

Claro está que esses processos apresentam vários aspectos e configurações. Mas para os objetivos deste trabalho devemos nos debruçar o desrespeito aos direitos dos cidadãos. Em um artigo clássico publicado originalmente na revista *New Left Review* em 2008, o geógrafo David Harvey afirma que:

Saber que tipo de cidade queremos é uma questão que não pode ser dissociada de saber que tipo de vínculos sociais, relacionamentos com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos nós desejamos. O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo, e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados.

A Casa Cai-Marcelo Backes

Em 29 de novembro de 2014, o jornal *O Globo* publicou a matéria *Descaracterização do Rio é tema de novos romances*. De acordo com o jornalista Bolívar Torres, o que motivou o interesse de alguns escritores pelo que ele chama de descaracterização da cidade foi o fato de o Rio de Janeiro estar passando por grandes transformações urbanas em função dos megaeventos esportivos. Na matéria, escritores como Marcelo Backes, Simone Campos, Victor Heringer, Alexandre Rodrigues e João Paulo Cuenca, em uníssono, falam que suas narrativas tratam do Rio de Janeiro a partir dos efeitos da gentrificação nesta cidade. Os entrevistados citam não só suas relações com este Rio, mas o quanto que as transformações mencionadas afetam cada um deles enquanto escritores. Falar da gentrificação, para eles, parecia ser uma emergência.

Entendendo que a cidade é um discurso e, efetivamente, linguagem que fala a seus habitantes, da mesma forma que eles falam de suas cidades, percebe-se que elas, as cidades, produzem significados sobre seus cidadãos, assim como eles produzem significados sobre elas, fazendo com que quem as habita seja tão leitor delas, que acabe diferindo-as da cidade geopolítica. De acordo com Barthes (1993), em seus deslocamentos, os leitores das cidades isolam fragmentos de enunciado para atualizá-los secretamente. A relação entre cidadãos e cidades se configura como dinâmica na medida em que ambos se afetam (Silva, 2011), pois a cidade é lugar de encontro com o outro, de intercâmbio de atividades sociais em que são vividas forças de ruptura, forças subversivas, forças lúdicas (Barthes, 1985). Mais do que estar na cidade, seus habitantes olham, interferem, usam, expressam e andam por ela e, assim, compõem uma cartografia imaginária. Esta é construída a partir das ressignificações dos espaços e está diretamente ligada às múltiplas culturas, a diferentes modos de sentir a cidade e a diferentes representações dela. A cidade, neste sentido, não poderia ser percebida, tampouco representada, da mesma forma por todos que nela habitam.

Canclini também diz que é preciso pensar as cidades como fenômenos que expressam imaginários construídos a partir da narração do que se passa com os visitantes no espaço urbano.(Canclini, 1997). De um lado, os sujeitos são

heterogêneos e, por isso, estabelecem relações diversificadas com as cidades; de outro, as cidades também são heterogêneas⁴ porque são escritas por estes sujeitos.

Estas são marcas das cidades contemporâneas, derivadas da cidade moderna. Se a modernidade trouxe a racionalização, as localizações absolutas, a grande-cidade(Sharpe,1987), as totalidades sociais; a contemporaneidade e os estudos que se ancoram no imaginário urbano, como fenômeno cultural, têm procurado problematizar estes pontos⁵. Em face dos paradigmas anteriores, na pós-modernidade, há o domínio do não-lugar, isto é, das cidades sem nome, sem face, das cidades dentro da cidade, dos espaços de trânsito, das múltiplas identidades (Augé, 1992), dos lugares⁶ que são mundiais, pois neles há infinitas possibilidades de deslocamentos, intercâmbios culturais e trocas simbólicas que se multiplicam(Santos, 2002).

Considerando este horizonte teórico sobre a construção simbólica das cidades, este trabalho se justifica a partir de três pontos.

a)Em primeiro lugar, deve-se considerar que, de acordo com Beatriz Sarlo, a literatura escrita, hoje, tem uma obsessão pela cidade, e esta, por causa de sua força simbólica e de seu potencial de experiência, pressiona a ficção. (Sarlo, 2014). No entanto, a autora também afirma que, nem sempre, ela- a escrita da cidade- é privilégio da literatura. Os jornais, as canções, os filmes e os ensaios, por exemplo, seguem escrevendo cidades.

b)O segundo aspecto se refere ao fato de que as representações de intervenções urbanas no Rio de Janeiro na literatura não são novidade. As mudanças na cidade foram tematizadas por, Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto e Marques Rebelo, indicando uma tradição na narrativa urbana sobre o Rio. Claro está que os contextos históricos, políticos, sociais e culturais são diferentes em cada período, o que pode levar a formas e linguagens distintas nas representações construídas nos textos. A remodelação do Rio na *Belle Époque* alterrou a cidade e

⁴ Néstor Garcia Canclini faz esta afirmação em uma entrevista concedida em 2007 à Alicia Lindon e publicada na Revista EURE, Vol.XXXIII, N°99, Santiago do Chile.

⁵ Idem.

⁶ O não-lugar é um conceito de Marc Augé. No entanto, dada a proximidade argumentativa, parece-nos que Milton Santos, mesmo utilizando a palavra lugar, refere-se a não lugar. Por isso, alocamos os dois teóricos em uma relação de proximidade.

o conjunto de experiências de seus habitantes. Semelhante ao momento atual, os donos do poder tentaram gerar uma cidade racional, higiênica e controlável(Gomes, 2008). As narrativas, assim, tiveram um papel fundamental na construção daquele urbano.

c)Por último, ao falar sobre os textos que narram as cidades contemporâneas e, conseqüentemente, do multiculturalismo, Néstor Canclini sinaliza que narrar a cidade, hoje, é saber que já não é mais possível a experiência da ordem que o *flâneur* esperava estabelecer ao passear pela metrópole do século passado. A cidade, segundo ele, é um videoclipe, isto é, uma montagem efervecente de imagens descontínuas onde não caberiam tentativas totalizadoras de narrar. Nesse sentido, a produção literária sobre o Rio de Janeiro ainda é bastante fértil e os escritores tendem a tratá-lo a partir da multiplicidade de tons, linguagem, formatos, temas, convicções e cidades dentro da cidade(Resende, 2008).

Os três aspectos mencionados sinalizam que as representações das mudanças no Rio de Janeiro na literatura, em diferentes períodos da história da cidade, apontam para o fato de que esta parece ser uma questão sintomática para alguns escritores. Nesse sentido, *A casa cai*, de Marcelo Backes, assim como os textos de novos autores contemporâneos se insere na tradição de intérpretes da cidade.

Em *A casa cai*, Marcelo Backes narra a história de um homem, Marcelo Campina, que fugiu da vida a vida inteira e, repentinamente, perde o pai com quem nunca conseguiu se entender e recebe uma herança com a qual é obrigado a lidar. O narrador segue contando sobre si e sobre a história imobiliária do Leblon e do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, esse homem constrói uma casa para sua mulher - mulher que também herdou de seu pai - no pior lugar do pântano paterno, a Selva de Pedra1.

Ele, o narrador apresenta uma desconexão com a cidade, demonstrando, em vários momentos, uma certa estrangeirice quando desconhece as dinâmicas dos meios de transporte e\ou apresenta medo e\ou preconceito contra seus moradores.

Se pensarmos nas relações de poder, a narrativa é construída, majoritariamente, pela perspectiva de quem está mais próximo do agente da

gentrificação. Porém, mesmo no distanciamento, que não é tão distante assim, pois a mãe de Marcelo morava na Rocinha, o narrador nos conduz a aspectos da Gentrificação. Vejamos um fragmento do romance:

À minha frente, um casal discutia. O marido disse que não venderia a casa por menos de 140 mil, o barraco tinha laje, e não seria um estrangeiro metido a besta que lucraria com o que ele demorou tanto tempo pra construir, agora que morar na Rocinha realmente começava a valer a pena. Achei que o homem inclusive aumentou o alcance da voz ao perceber minha presença. A mulher argumentava que era muito dinheiro, que pelo valor poderiam comprar vários terrenos numa comunidade de Jacarepaguá, o processo seletivo da moradia continuava imperando, mais ou menos violento, eu via. No banco do outro lado do corredor, uma cabeleireira se queixava que com o fim dos bailes funks a qualquer hora sua clientela diminuía pela metade. A UPP acabou com a chapinha, ela sentenciou. A pacificação era o fim das escovas progressivas. A amiga também lamentava o choque de ordem, o fim do que sabiamente chamou de Sodoma e Gomorra, paraíso das viúvas do tráfico. E o gato-net com todos os canais por 30 reais também acabara, agora meia dúzia custava mais de 50, onde já se vira uma coisa dessas, uma das várias holandesas em visita ao agora assim chamado bairro, dissera que no Brasil se pagava a TV a cabo mais cara do mundo. Pelo menos poderiam alugar dependências da casa para os interessados em vir antecipadamente para a Jornada Mundial da Juventude e outros eventos. O Rio de Janeiro estava cheio deles, dava pra conseguir 450 reais por um quatinho sem banheiro, 700 por uma suíte, e isso em apenas uma semana.

Neste fragmento, pode-se perceber o quanto que as mudanças na cidade interferiram no cotidiano das pessoas que habitam o território da Rocinha, no Rio de Janeiro. A especulação imobiliária aumentou os valores dos imóveis, provocando, gradativamente, a substituição dos antigos moradores por outros que até então não estabeleciam relações de moradia com o território mencionado. Ainda com relação a este ponto, o narrador também aponta para o fato de que o morador vê a possível venda como uma excelente oportunidade para mudar de vida. Para ele, os grandes eventos garantirão formas de aquisição de bens materiais seja com a venda da casa, seja com o aluguel de cômodos da própria casa.

Um outro ponto deste fragmento é a observação de que a implantação das UPP's (Unidades de Polícia Pacificadora), uma política de segurança que buscou qualificar o Rio de Janeiro para os megaeventos da cidade, modificou o cotidiano das favelas. Sem chefões do tráfico, sem chapinhas, sem gatonet (acesso ilegal à tv à cabo). O curioso é que, segundo este fragmento, os moradores da favela têm acesso a determinados bens de consumo por meio da ilegais. Com a chegada das

UPP's, parece ter havido um deslocamento nas formas de ganhar dinheiro e uma aparente moralização.

Considerações finais

1) Ao abrir os arquivos\cofre de seus familiares e conseqüentemente da cidade do Rio de Janeiro, o narrador de *A casa cai* se dá a conhecer e, ao mesmo tempo, denuncia não só os mecanismos pelos quais o processo de Gentrificação se configura no Rio de Janeiro (as remoções indevidas, o claro desrespeito ao direito à cidade, a destruição das identidades que transformam espaços em territórios, a falta de mobilidade urbana que interfere no acesso ao lazer e ao trabalho), mas as relações fincadas em fortes laços patriarcais, como o machismo e o preconceito racial.

2) Para Ricardo Piglia, (Piglia, 2001), o lugar do escritor é o de estabelecer onde está a verdade, atuar como detetive, descobrir os segredos que o Estado manipula e revelar a verdade escamoteada com contra-relatos que circulam na sociedade, (Piglia, 2001). No entanto, recomenda-se que esse modo de agir se dê na invisibilidade uma vez que há um desequilíbrio de forças. (Figueiredo, 2015).

Ao contrário de Piglia, Ranciére propõe que a conquista da igualdade deve se dar de modo visível. A ocupação de ruas e espaços públicos são estratégias para que os direitos à cidadania sejam conquistados. Mas, claro está que é na separação entre arte e outras formas de experiência sensível que se funda o caráter político da arte. (Figueiredo, 2015). Nessa perspectiva, é consenso nos dois autores que a política é uma luta travada no terreno da narrativa e que há práticas abusivas que precisam ser combatidas. Piglia assume tal função para a Literatura. Ranciére parece apontar para outras formas de combate.

Se o antigo prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, juntamente com jornais, trazem uma narrativa que escreve a cidade, de acordo com o conceito de Beatriz Sarlo de que a literatura é um dos caminhos que escrevem a cidade, falam na herança que os Jogos deixarão para os moradores do Rio de Janeiro, usando palavras como revitalização, legado e iniciativa privada no mesmo discurso, um romance como *A casa cai* e suas estratégias narrativas funcionam como um contra relato às narrativas oficiais.

4 – Referências Bibliográficas

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia, “A Cidade do Pensamento Único”, Petrópolis, 2000.

AUGÉ, Marc. Não lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1992.

BARTHES, Roland. A aventura semiológica. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1987.

BATALLER, Maria Alba Sargatal (2012). “O estudo da gentrificação”. Revista Continentes (Rio de Janeiro. Online), ano 1, n. 1.

CANCLINI, Néstor García. Imaginários urbanos. Buenos Aires: Ed. Universitária de Buenos Aires, 1997.

_____. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MENDES, L. O contributo de Neil Smith para uma geografia crítica da gentrificação. E-metropolis, n. 1, ano 1, maio de 2010.

RESENDE, Beatriz. Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SANTOS, Milton – A natureza do espaço, 2. edição. São Paulo : Editora Hucitec , 1996.

SARLO, Beatriz. La ciudad vista: mercancías e cultura urbana. Buenos Aires: Ed. Siglo veintiuno, 2009. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

_____ **A modernidade periférica: Buenos Aires 1920-1930. Editora Cosac Naify, 2010.**

SHARPE, William & WALLOCK, Leonard. “From ‘great town’ to ‘nonplace urban realm’: reading the modern city”. In: _____ (ed.). **Visions of modern city: essays in history, art and literature. Baltimore: London: The John Hopkins University Press, 1987.**

SILVA, Armando. Imaginários urbanos. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____ **Imaginários, estranhamentos urbanos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.**

Documentos

Dossiê Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro. Junho de 2014, Comitê Popular da Copa.